



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI

Sinop, v. 7, n. 2 (19. ed.), p. 541-555, jun./jul. 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

ALFABETIZAÇÃO:

percepções de práticas pedagógicas¹

Raquel Ester Kaminski de Carvalho

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

A pesquisa discutiu a alfabetização do ponto de vista do professor alfabetizador e suas práticas em sala de aula. A pesquisa de campo foi realizada com as professoras alfabetizadoras que atuam nas escolas do Município de Sinop, Mato Grosso. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa de cunho social, adotando o questionário como para o desenvolvimento do trabalho de campo. Concluiu-se que os sujeitos pesquisados vêm se fazendo professores reflexivos ao longo de suas trajetórias profissionais, a pesquisa evidenciou ainda, alguns limites na formação das professoras, que podem ser relacionados à formação inicial, assim como também à continuidade da formação, visto que os professores se posicionam ante a experiência profissional e a sua relação com o conhecimento. Embora o início das aprendizagens ocorra na universidade é no exercício da prática, na busca por novos saberes, e nas interações com o contexto que agregam na formação do professor.

Palavra-chave: Educação. Ensino Fundamental. Alfabetização. Práticas Professoras.

1 INTRODUÇÃO

¹Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: percepções de práticas pedagógicas**, sob a orientação do Me. Adil Antônio Alves de Oliveira, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2.

Em uma sociedade em constante transformação exige muito mais do que apenas ensinar a ler e a escrever, o professor tem o papel de ensinar a ler e a escrever de maneira que saibam fazer uso dessa leitura e escrita na sociedade. Embora sejam processos distintos, ambos são inseparáveis, e não podem ser trabalhados isoladamente como coloca Soares (1998, p. 47) “Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e escrita”.

Ponderar uma aprendizagem, onde além de ler e escrever o professor propicia as crianças práticas sociais de leitura e escrita para que esse seja capaz de interpretar o mundo a sua volta e poder exercer sua cidadania vem tornando-se essencial.

É sabido que a base da educação começa com a alfabetização, porém é um processo amplo, complexo e que apresenta vários desafios. O sistema educacional brasileiro vem passando por constantes modificações visando garantir a melhoria no processo de alfabetização. São notórios que estão havendo na educação, porém quando se refere a alfabetizar devemos considerar que é processo complexo e ao mesmo tempo ímpar, não limitando apenas a codificar e decodificar. Na verdade os alfabetizadores utilizam-se de várias estratégias de ensino para que alunos dominem a língua materna, dentre essas estratégias estão a alfabetização sintética que consiste em soletração, silábico e fônicos, e o analítico que são as estruturas mais simples como fonemas e sílabas.

Este artigo buscou compreender como ocorrem as práticas de alfabetização, observando as práticas e estratégias do professor alfabetizador.

2ALFABETIZAÇÃO: um processo contínuo

Para Azevedo (1964) o Brasil do século XV, dava prioridade principalmente às escolas de ensino elementar e aos colégios que preparavam os que pertenciam a elite para cursos superiores. Esse método vigorou por mais de 200 anos, até a expulsão dos jesuítas por Sebastião José de Carvalho e Melo o Marquês de Pombal o que acarretou em uma desorganização na educação brasileira, visto que embora o método, apresentasse como religioso e voltado para igreja, ainda assim era o único

até então. Azevedo (1964, p. 49) corrobora “a primeira grande e desastrosa reforma de ensino no Brasil”. Contudo essa reforma desastrosa ou não, significou para o Brasil a primeira reforma educacional, pois a educação foi tirada do poder dos religiosos e delegada ao Estado.

De acordo com o autor, em meados do século XIX, a educação continuava sem grandes perspectivas foi nada ainda tinha sido criado, perto da educação trazida pelos jesuítas, portanto não havia ainda um trabalho educacional no país. A educação não tinha ainda a sua relevância reconhecida na perspectiva da melhoria dos membros da sociedade. Em 1820 D. Pedro I, declara a independência do Brasil e quatro anos depois autoriza a primeira Constituição de Brasil. Em 1834 por intermédio de um Ato Adicional na Constituição vigente reformulou ainda mais a educação, pois o ensino elementar, secundário e as formação dos professores deixou de ser cargo das províncias, fato esse que evidenciou a descentralização da educação de um único poder Romanelli (1985, p. 40) esclarece:

O que ocorreu a contar de então foi a tentativa de reunir antigas aulas régias em liceus, sem muita organização. Nas capitais foram criados os liceus provinciais. A falta de recursos, no entanto, que um sistema falho de tributação e arrecadação da renda acarretava, impossibilitou as Províncias de criarem uma rede organizada de escolas. O resultado foi que o ensino primário foi relegado ao abandono, com pouquíssimas escolas, sobrevivendo à custa do sacrifício de alguns mestre-escola, que, destituídos de habilitação para o exercício de qualquer profissão rendosa, se viam na contingência de ensinar

Segundo a pesquisadora, o Brasil foi passando por diversas reformas até chegar à discussão sobre Lei de Diretrizes Básicas, porém os fatos históricos explicitam que desde o início a educação brasileira priorizou as classes sociais com melhor poder aquisitivo. A democracia na educação foi ocorrendo ao longo do tempo, e ainda na contemporaneidade esta sempre se reformando visando um melhor atendimento aos que dela necessitam.

Com o desenvolvimento das sociedades a aquisição e o domínio da escrita passaram a ser fundamentais, fazendo da alfabetização um elemento social de suma relevância, a escrita e conseqüentemente a leitura, ajudam a melhorar as qualidades de vida das pessoas.

Quando falamos em alfabetização não nos remetemos apenas ao aprendizado do alfabeto, mais na ação de alfabetizar, pois uma vez que

conhecemos o alfabeto e suas significações usamos para nos comunicar, promovendo um conhecimento amplo e mútuo, que vai além da ação do código escrito. Partindo desse contexto o ato de alfabetizar não é meramente codificar e decodificar, a escrita representa muito mais, é um meio de entender e interpretar o que se lê e conseqüentemente utilizar na vida social. Alfabetizar advém da palavra alfabeto (OLIVEIRA, 2002, p. 169) nos exemplifica a palavra alfabeto, segundo a mesma:

A palavra alfabeto deriva das duas primeiras letras do sistema grego, alfa e beta. Alfabetizar, em todas as línguas e em todos os tempos atuais, significa, originariamente, aprender a usar o alfabeto para escrever e ler. Alfabetizar significa saber identificar sons e letras, ler o que já está escrito, escrever o que foi lido ou falado e compreender o sentido do que foi lido e escrito.

Portanto uma pessoa alfabetizada tem sua socialização podendo exercê-la na sociedade na qual está inserida. Na visão de Soares (2003, p. 15) esse é um conhecimento ímpar que o indivíduo leva por toda a vida, podendo se tornar cada vez mais amplo e presente. Segundo a autora citada:

É verdade que, de certa forma, a aprendizagem da língua materna, quer escrita, quer oral, é um processo permanente, nunca interrompido. Entretanto, é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua (oral e escrita) de um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita); este último é que, sem dúvida, nunca é interrompido.

Ainda segundo a autora a alfabetização é contínua e abrangente, portanto não é um momento que ocorre na vida do educando, a mesma apresenta três pontos de vista que embasam essa perceptiva. No primeiro a alfabetização é posta como um processo onde se adquire os códigos da escrita e habilidades de leitura. Soares (2003, p. 15) enfatiza que:

Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em oral (ler). A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler).

Considerando esse ponto de vista alfabetização significa codificação e decodificação dos signos (escrita), o ler e o escrever.

No segundo ponto que a autora aborda que a alfabetização passa a ter um significado mais amplo, no intuito na compreensão desses códigos escritos, que objetiva que o indivíduo em processo de alfabetização possa compreender e interpretar a seu modo.

O terceiro ponto que a autora aborda os conceitos de alfabetização, considerando aspectos como idade do indivíduo a ser alfabetizado, grupo social em o mesmo encontra se inserido e outros. “O conceito de alfabetização depende, assim, de características culturais, econômicas e tecnológicas” (SOARES, 2003, p. 17),

Considerando esses pontos abordados pela autora alfabetização vai muito além codificar e decodificar letras e sons exerce uma função essencial dentro da sociedade, pois o segundo e terceiro pontos aludidos acima, nos remete a pensarmos na atuação desse sujeito mediante a sociedade na qual este esta inserido, e qual será seu papel sendo capaz de compreender o mundo a sua volta.

Historicamente a alfabetização veio passando por mudanças, se antes era vista como um processo onde, bastava saber decodificar as letras, na contemporaneidade visa propiciar uma alfabetização onde se consiga compreender e interpretar, para que tal conhecimento forme um indivíduo crítico, e atuante no meio onde se encontra. Essa mudança vem ocorrendo de maneira gradativa nas últimas décadas, conceituando alfabetização como algo capaz de modificar o modo vida, influenciando de maneira positiva no cotidiano das pessoas. Como pontua (AMARAL, 2001, p. 76):

Nesse sentido, é um conceito complexo que engloba, além de um conjunto de comportamentos individuais, como habilidades técnicas de leitura e escrita, um conjunto de comportamentos sociais. Portanto, as habilidades técnicas só poderão ser entendidas quando relacionadas às necessidades, aos valores e às práticas sociais do grupo em que o sujeito está inserido.

Percebemos que os conceitos de alfabetização se modificam com o tempo em uma sociedade, que esse conceito vem ganhando ainda mais significado, considerando que a alfabetização se amplia constantemente. Recentemente um novo termo foi atrelado ao conceito de alfabetizar, vem sendo usado por autores como Magda Soares, o letramento, se por lado alfabetizar significa aprender a ler e a escrever. O letramento vem em uma perspectiva mais abrangente segundo a

autora “é ação ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita.” (SOARES, 2006, p. 47).

Partindo desse pressuposto o letramento seria uma ação auspiciosa no sentido de propiciar a leitura e a escrita a e o mesmo tempo proporcionando interpretação e compreensão do que dessa leitura e escrita, possibilitando uma participação mais ativa em sociedade no âmbito social, econômico e cultural. Portanto a alfabetização e o letramento são indissociáveis, pois um é o complemento do outro, visando uma aprendizagem que vai além da decifração de códigos, mas que de fato faça com o indivíduo ascenda intelectualmente.

A alfabetização historicamente sempre foi vista como instrumento que viabiliza o saber, e que precisa ser pensada e alargada como o passar do tempo, pois se tornou de suma relevância nas sociedades. Mortatti (2000, p. 21) afirma que:

Tanto naquela como em nossa época, a alfabetização é apresentada como um dos instrumentos privilegiados de aquisição de saber e, portanto, de esclarecimento das “massas”. Torna-se, assim, necessário implementar o processo de escolarização das práticas culturais da leitura e da escrita, entendidas, do ponto de vista de um certo projeto neoliberal, como fundamentos de uma nova ordem política, econômica e social. Desse modo, problemas educacionais e pedagógicos, especialmente os relativos a métodos de ensino e formação de professores, passam a ocupar não apenas educadores mas também administradores, legisladores e intelectuais de diferentes áreas de conhecimento.

A alfabetização precisa ser pensada no intuito de atender as necessidades dos indivíduos, para tanto precisa também de um projeto voltado para essas necessidades, com professores preparados e métodos que possam tornar os cidadãos participativos na sociedade. Ferreiro (1999, p.47) diz que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”. Portanto evidenciando que esse processo é contínuo.

2.1 A FORMAÇÃO E AS PRÁTICAS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

A formação docente é um tem tão relevante, em tempos de relacionamentos cada vez mais difíceis, esses profissionais que desenvolvem sua ação docente em uma das fases primordiais da chamada escolarização sistematizada. Fase em as

crianças começa a ter os primeiros contatos com a leitura e a escrita propriamente dita, onde ainda não dominam essas habilidades, e começam o processo de conhecimento, onde pode apropriar-se de conhecimentos que lhes oportunizarão uma linguagem embasada na escrita. As dificuldades do ofício educacional juntamente com as imposições pertinentes a fase da alfabetização necessitam ser consideradas na formação seja inicial ou continuada, dos docentes.

Uma vez que é na alfabetização que as crianças começam a compreender o mundo através da linguagem. “linguagem em movimento da qual se apropriam e na qual se constituem.” (ZACCUR, 1999, p. 106). Entretanto apenas adquirir conhecimentos específicos a alfabetização e estratégias de alfabetizar, não são suficiente, é preciso uma formação profissional alicerçada na prática, ou como sugere Shön, citado por Garrido (2002), uma formação profissional baseada numa epistemologia da prática, ou seja, na valorização da prática profissional como momento de construção do conhecimento.

Os saberes para alfabetizar constituídos ainda na graduação fundamentada no ensino, pesquisa e extensão, de cada instituição de cada universidade, proporciona aprendizagens contextualizadas, de forma que a formação docente seja uma construção, em conjunto com que ira aprender. Há ainda aprendizagens provenientes da pratica docente, que fazem parte do processo de se tornar um professor alfabetizador.

Suas experiências e as experiências compartilhadas que lhe possibilitará aprender com aqueles a sua volta. Tal formação viabiliza o desenvolvimento do profissional, “quando o sujeito sente-se envolvido, a possibilidade de ser abre-se à reflexão, enquanto a prática converte-se em experiência vivida e refletida.” (HERNANDEZ, 2006, p. 10). O professor esta em constante processo de formação, pois a formação docente precisa ser continua, o professor deve sempre está em busca de novos saberes que complementem, e aprimoram o que já se domina.

Considerando esse pressuposto a formação “não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal” (NÓVOA, 1997, p. 25). Os cursos são importantes no sentido que há uma imposição aos professores continuidade da formação, porém devem ser voltados para a reflexão de sua prática, visando sempre melhora-la no sentido de

proporcionar uma aprendizagem de qualidade. O professor precisa alfabetizar, e ensinar a pensar, pesquisar, comunicar-se e muito mais. Portanto media o conhecimento no intuito de torna-lo mais significativo para quem aprende.

Poersch (1990, p. 37), quando fala sobre o professor alfabetizador salienta que este profissional deve sim conhecer a língua que ensina:

O alfabetizador é um profissional do ensino de línguas e, como tal, além do domínio e das técnicas pedagógicas deve possuir sólidos conhecimentos linguísticos tanto da língua, enquanto meio de comunicação, quanto sobre a língua, enquanto objeto de análise.

O professor dessa sociedade cada dia mais exigente auxilia na construção e na organização da aprendizagem, o professor precisa adquirir novos saberes, ser capaz de refletir e sistematizar tais conhecimentos. Sendo assim o professor deve ser conhecedor das estruturas e de como funciona a língua. Poersch (1990, p. 44) diz que “o objetivo do alfabetizador é transportar a criança do domínio do código oral para o domínio do código escrito”, ou seja, ensinar à criança as formas de escrever.

Considerando a formação e as praticas docentes, o professor alfabetizador dado às particularidades do ensinar a ler e a escrever, os saberes articulam-se às varias extensões das praticas educativas, pois sua prática pedagógica se fundamenta em concepções de saber e também de aprendizagem. Paulo Freire, considerado por Gadotti (2002) como um dos maiores educadores da atualidade, diz em sua teoria do conhecimento que o processo no qual o educador e o educando aprendem simultaneamente contribui para o aperfeiçoamento de ambos. Ainda neste sentido Ferreiro (2001) enfatiza que o processo de alfabetização não depende apenas do professor alfabetizador, esclarecendo que quem aprende também deve reconstruir uma relação entre linguagem oral e escrita para se alfabetizar.

Existem diversas estratégias de alfabetização no sentido de tentar garantir uma eficácia no processo de alfabetização, as mais utilizadas são sintético e analítico. Nas estratégias sintéticas o professor começa com soletrações, silábicos e fônicos. No analítico inicia a aprendizagem com estruturas digamos mais simples para os alunos, como as letras e as silabas, para só posteriormente inserir palavras, frases e textos. De acordo com Ferreiro e Teberoski (1999, p. 21):

O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre som e grafia. Outro ponto chave para esse método é

estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo.

As estratégias analíticas já iniciam com a complexidade da língua, letras, sílabas, fonemas, como as próprias autoras argumentam “O método analítico é o reconhecimento global das palavras ou das orações; a análise dos componentes é uma tarefa posterior” (FERREIRO; TEBEROSKY 1999, p. 23). Essa estratégia de alfabetização é bastante utilizada por professores alfabetizadores, para a inserção da leitura e da escrita, visando tornar a criança alfabetizada. Embora as aquisições dos códigos linguísticos sejam complexos, tais estratégias servem de apoio ao professor, pois neste processo devem ser considerado que existem outros fatores que podem influenciar na aprendizagem da leitura e da escrita. Ressalto ainda que tais estratégias não servem para determinar a aquisição da leitura e da aprendizagem, são apenas estratégias de ensino, como coloca Ferreiro (2001, p. 29-30):

Se aceitarmos que a criança não é uma tabula rasa onde se inscrevem as letras e as palavras segundo determinado método; se aceitarmos que o “fácil” e o “difícil” não podem ser definidos a partir da perspectiva do adulto, mas da de quem aprende; se aceitarmos que qualquer informação deve ser assimilada (e, portanto transformada) para ser operante, então deveríamos também aceitar que os métodos (como sequência de passos ordenados para chegar a um fim) não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não práticas rituais ou conjunto de proibições. O método não pode criar conhecimento.

Acrescento que embora as autoras se refiram a métodos, prefiro mencionar estratégias pois, nem todas as atividades que darão certo com determinado aluno, darão com todos, sendo assim é necessário, sempre utilizar-se de diversas estratégias que busquem viabilizar o processo de ensino aprendizagem na alfabetização, considerando que cada aluno aprende de maneira diferente e em tempos diferentes.

Nessa perspectiva Soares (2004, p. 47) diz que a alfabetização é a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, é ensinar a ler e a escrever para torná-lo alfabetizado. Portanto esse processo de alfabetizar visa viabilizar a construção do conhecimento pela criança, criando condições para que ela desenvolva suas capacidades no aprender a ler a escrever. Saliento ainda que não considerar a

linguagem trazida por esses alunos para sala de aula, é não valorizar o seu conhecimento prévio.

Por isso o professor alfabetizador deve orientar dentro da língua padrão, mas sem desmerecer o que o aluno trás, assim poderá contribuir para a inserção do letramento o que acaba por promover alunos críticos. Ainda que o processo de alfabetizar tenha se consolidado durante muito tempo, como uma maneira mecânica de decifrar códigos, devido a revolução industrial que naquela época só visava lucros, numa sociedade cada vez mais capitalista. Tal forma de alfabetizar não é considerada eficaz, pois embora o indivíduo domine o ler e escrever se torna alienada nas questões sociais que exigem criticidade e posicionamento.

Com as constantes transformações na educação e conseqüentemente nas estratégias de alfabetizar busca-se a formação não só para o lê e escrever, que esse seja capaz de lê e se posicionar sobre o que esta lendo, Freire (1987) ressalta que a alfabetização deve libertar o homem de suas alienações.

Ser um profissional competente requer um domínio de habilidades inerentes a sua área de atuação (SCHON, 1992), por isso conhecer a língua que ensina faz-se necessária ao alfabetizador, é o primeiro passo. A formação do professor seja ela de boa ou má qualidade com certeza refletirá na formação dos que aprendem, de maneira positiva ou negativa. O professor a partir do que já domina tem condições de perceber as dificuldades de seus alunos, pode atuar com mais precisão, e realizar um trabalho voltado para as necessidades de cada aluno.

Podendo assim contribuir para que esse aluno torne-se crítico e reflexivo, considerando a linguagem como ferramenta de inserção do aluno, além de alfabetizar na perspectiva do letramento. Imbernòn (2005, p.32) esclarece a cerca da formação do professor “a competência profissional, necessária em todo o processo educativo, será formada em última instância na interação que se estabelece entre os próprios professores, interagindo na prática de sua profissão”.

Como forma de avaliação do programa, e para verificar as metas estão sendo alcançadas, serão aplicadas às crianças do segundo ano, duas provas (Provinha Brasil), uma no início e outra ao final do ano e, anualmente será aplicada pelo INEP. Uma avaliação externa as crianças que completarem o ciclo de alfabetização para verificar a qualidade da aprendizagem da criança. Logo, no primeiro ano do curso, o

professor alfabetizador terá seu empenho avaliado conforme os resultados da prova aplicada aos alunos.

A Avaliação Nacional da Alfabetização ANA aplicada aos alunos do terceiro ano da alfabetização, irá fornecer os indicadores sobre a aprendizagem dos alunos ao final do ciclo de alfabetização.

A pesquisa se orientou pela abordagem qualitativa, segundo Minayo (1994, p.22) permite compreender com profundidade o “mundo dos significados das ações e relações humanas que é um lado não perceptível e captável em equações médias e estatísticas”.

Para Turato (2005), as pesquisas que utilizam o método qualitativo devem trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Não tem qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes grupos, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre. Em vez da medição, seu objetivo é conseguir um entendimento mais profundo e, se necessário, subjetivo do objeto de estudo, sem preocupar-se com medidas numéricas e análises estatísticas. Cabe-lhes, pois, adentrar na subjetividade dos fenômenos, voltando a pesquisa para grupos delimitados em extensão e território, porém possíveis de serem abrangidos intensamente. (Apud JARDIM; PEREIRA, 2009, p.3).

A técnica para a coleta de dados foi o questionário, entregues para quatro professoras que trabalham com alfabetização em escolas do município de Sinop/MT.

3 CONCLUSÃO

O início da escolarização, correspondente aos anos iniciais do Ensino Fundamental, é uma etapa primordial que constrói a base para a educação do educando. Essa etapa requer um olhar especial, porque é onde a criança inicia a vida escolar, essas crianças constroem ao longo desse tempo escolar sua autonomia e identidade através do que é desenvolvido com elas. A escola nos anos iniciais da vida da criança exerce um papel de transformador, e tem como objetivo a formação de cidadãos conscientes da sua responsabilidade social, para Saviani (1997) é pelas relações sociais, e pela educação que o homem se desenvolve e, portanto não existe sociedade sem educação.

A escola é a principal mediadora dos saberes necessários para que as pessoas adquiram as aprendizagens possíveis, para que desenvolvam capacidades e habilidades, de maneira que possam viver e até interferir nas transformações da sociedade.

O professor é o responsável por essa mediação do conhecimento com os alunos considerando sua formação, pois os desafios encontrados dentro da escola exigem um trabalho educativo, e uma postura profissional para que se consiga alcançar os objetivos. O professor não é um transmissor de conhecimento, o professor media a construção do conhecimento, e este sabe que exerce o saber-refletir, através de suas práxis oportunizando saberes.

Buscou se ainda identificar o processo de aprendizagem através das atividades propostas, fundamental para o professor alfabetizador. A valorização dos saberes da prática permite às professoras se reconhecerem como parte integrante e fundamental do processo de construção profissional e a importância da teoria na condução da prática.

Uma prática educativa voltada para desenvolvimento de uma alfabetização na perspectiva do letramento exige a elaboração de atividades dirigidas aos alunos e que este seja o protagonista no processo de ensino aprendizagem. A pesquisa evidenciou alguns limites na formação das professoras, que podem ser relacionados à formação inicial, assim como também à continuidade da formação, visto que os professores se posicionam ante a experiência profissional e a sua relação com o conhecimento.

Para finalizar ressalto que essa pesquisa abordou apenas alguns aspectos em relação à alfabetização e ao letramento nas percepções das práticas pedagógicas, e que novas pesquisas deverão ser realizadas, no sentido de obter um aprofundamento teórico, bem como aprofundar outros dados relacionados com temática em questão.

**LITERACY:
perceptions of educational practices**

ABSTRACT²

This research discussed the literacy from the point of view of the literacy teacher and their practices in the classroom. The field research was conducted with the literacy teachers working in schools in the municipality of Sinop, Mato Grosso. The research presents a qualitative approach to social, adopting the questionnaire as for the development of field work. It was concluded that the study subjects come to making reflective teachers throughout their professional careers, the research showed also some limits on the training of teachers, which may be related to the initial training, as well as the continuity of training, since teachers are positioned at the professional experience and their relationship with knowledge. Although the beginning of learning occurs at the university is in the course of practice, the search for new knowledge, and interactions with the context that add in teacher education.

Keywords: Practice. Literacy. Teaching.

REFERÊNCIAS

AMARAL, C. W. **Alfabetizar para quê?** Uma perspectiva crítica para o processo de alfabetização. Campinas: Komedi, 2001.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira:** introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual do pacto:** Pacto pela Alfabetização na Idade Certa: o Brasil do futuro com o começo que ele merece. Brasília, DF, 2012.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1999.

_____. **Reflexões sobre Alfabetização.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Reflexões Sobre Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2001.

²Resumo traduzido por Antonio Cesar Gomes da Silva, graduado em Licenciatura em Letras pela UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, professor na Escola Municipal Belo Ramo e Escola Estadual Enio Pipino.

_____.; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. **O momento atual é interessante porque põe a escola em crise**. Entrevista concedida à Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, Out. 2006. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/momento-atual-423395.shtml>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Historias das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.

HERNANDEZ, Fernando; SANCHO, Juana Maria. A formação a partir da experiência vivida. **Pátio Revista Pedagógica**, Porto Alegre, ano 10, n.40, p.9-11, Nov. 2006/jan.2007.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

JARDIM, Anna Carolina Salgado; PEREIRA, Viviane Santos. Metodologia Qualitativa: É Possível Adequar As Técnicas De Coleta De Dados Aos Contextos Vividos Em Campo? **45º Congresso Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social-Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

OLIVEIRA, Solange Alves. **O ensino e a avaliação do aprendizado do sistema de escrita alfabética numa escolarização organizada em ciclos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

SHÖN, Donald A. Educando **o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOARES, Elizabeth Nair Duarte Salgado. **Representações sociais de professores das séries iniciais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2003.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ZACCUR, Edwiges (org). **A Magia da Linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

Correspondência:

Raquel Ester Kaminski de Carvalho. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: raquel.carvalho8@hotmail.com

Recebido em: 05 de abril de 2016.

Aprovado em: 23 de maio de 2016.